



BOLETIM DA

aepetASSOCIAÇÃO DOS
ENGENHEIROS
DA PETROBRÁS

OUTUBRO-90

EXTRA

AEPET defende monopólio e Petrobrás

“A AEPET existe para defender os interesses da PETROBRÁS, tanto quanto esses interesses são interesses do País”

**ILUSTRÍSSIMO SENHOR DOUTOR
LUIS OCTÁVIO DA MOTTA VEIGA
M.D. PRESIDENTE DA PETROBRÁS**

A Associação dos Engenheiros da Petrobrás, entidade que congrega cerca de seis mil profissionais de todas as categorias de nível universitário do sistema Petrobrás, no momento em que vossa senhoria deixa, por iniciativa própria, a presidência da Companhia, vem hipotecar-lhe a solidariedade.

- 2. E o faz sem quaisquer constrangimentos, uma vez que, durante a sua gestão, mantivemos francamente as nossas divergências, dentro de um cavalheirismo que foi recíproco.*
- 3. São bem conhecidos os nossos pontos antagônicos em relação a questões essenciais como a do monopólio — que consideramos intocável — e a das privatizações.*
- 4. A AEPET sempre defendeu as admissões de pessoal através de concurso público e, por isso, sente-se com autoridade para combater demissões indiscriminadas ou sem justa causa.*
- 5. Esta nossa atitude pretende corresponder à maneira alta, desprezada e digna com que Vossa Senhoria afasta-se da presidência da Petrobrás. Comportamento que ganha realce, nos tempos de hoje, quando, lamentavelmente, o que se observa é o apego desmedido aos cargos e posições, mesmo ao preço da independência e dignidade pessoal, num rastejar de subserviências e servilismos.*
- 6. Foi ainda corajoso vossa senhoria ao denunciar investidas contra o patrimônio da Petrobrás, a serviço de interesses menores e possivelmente escusos. Investidas semelhantes ocorreram no passado e a AEPET e os trabalhadores da Petrobrás contra elas sempre se posicionaram, na defesa da moralidade administrativa. Talvez seja isto que a leviandade de alguns entenda como corporativismo.*
- 7. Vossa Senhoria, em absoluto, não saiu por incompetência ou insubordinação. Saiu defendendo suas convicções quanto à necessidade de uma política realista de preços que, sem favorecer a inflação, evitasse o colapso financeiro da Petrobrás e consequências imprevisíveis para a economia nacional.*
- 8. Defender convicções, não ser submisso, não é insubordinação; é, pelo contrário, uma forma nobre de colaborar. Entendimento diferente é próprio de áulicos ou despersonalizados.*
- 9. Esperamos que a conduta de Vossa Senhoria venha a servir de exemplo e advertência a quantos possam pretender abalar ou destruir uma empresa que é essencial à vida do País.*
- 10. Talvez Vossa Senhoria tenha chegado de espírito prevenido, mas bastaram poucos meses de convívio com a Petrobrás e os seus empregados para formar uma opinião mais justa da empresa e do seu pessoal. Para verificar, enfim, que não há corporativismo, no sentido pejorativo, e sim saudável “sprit-de-corps”, e tudo na compreensão de que é imperativo defender a Petrobrás porque ela, na sua dimensão e nos seus objetivos, é fundamental ao progresso do Brasil.*
- 11. Enfim, o nosso corporativismo é patriotismo.*
- 12. Desejando-lhe felicidade pessoal, reiteramos, com elevado apreço, a nossa solidariedade.*

Diretoria da Associação dos Engenheiros da Petrobrás

(telex ao ministro da Infra-Estrutura Ozires Silva)

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR
ENGENHEIRO OZIRES SILVA
D.D. MINISTRO DA INFRA-ESTRUTURA**

A AEPET existe para defender os interesses da Petrobrás, tanto quanto esses interesses são interesses do país. E defendendo também os interesses de seu corpo técnico não pratica nenhuma ilegitimidade. O corpo técnico de qualquer empresa é essencial à sua organização e ao seu funcionamento.

- 2. Nada disso é corporativismo no sentido pejorativo que procuram difundir, tentando formar uma opinião pública desfavorável aos que defendem, patrioticamente, a Petrobrás.*
- 3. Vossa Excelência em recente entrevista à Folha de São Paulo, 21.10.90, página B-14, injustamente insiste nesta tecla. Ora, este procedimento é surpreendente, senão fantástico. Ou vossa excelência já se esqueceu da maneira elogiosa como, no passado, se referiu aos trabalhadores da Petrobrás?*
- 4. Não costumamos reivindicar, gratuitamente, reajustes de salários, sem levar em consideração a situação financeira da empresa. Aliás, reivindicações salariais, em face da inflação, são de todos os trabalhadores e funcionários do Brasil, e, não somente, da Petrobrás.*
- 5. Vossa Excelência também está esquecido de que em determinado momento criticou, publicamente, o congelamento da URP e que esta foi uma das causas que motivaram sua saída da presidência da Petrobrás?*
- 6. Vossa Excelência manifesta, atualmente, uma prevenção injustificável contra a empresa. Como entender que, malevolamente, haja associado uma manifestação cívica de homenagem à bandeira brasileira com uma simples reivindicação de dinheiro? E, ainda mais, dizendo isto em entrevista ao mencionado jornal? Vossa Excelência quis praticar uma ofensa? Quis amesquinhar os trabalhadores da Petrobrás?*
- 7. No entanto — veja como muda de idéias — permita-nos V. Exa. lembrar o que declarou na condição de presidente da companhia:
“Eu gosto muito da Petrobrás. Eu acho que é uma companhia esplêndida, sob todos os aspectos.
Tem um manancial de talentos inimagináveis.
Fico feliz em ter descoberto tanta gente boa.
Não sabia que no Brasil pudesse ter um acervo tão bom de talentos, de gente capaz” ...
“Das cinquenta maiores empresas do mundo, entre as quais a Petrobrás se inclui, só tem cinco empresas que têm menos empregados que a Petrobrás: quer dizer, 45 das 50 maiores empresas do mundo têm mais empregados do que a Petrobrás. Então não é uma companhia que gerou empreguismo ou coisa dessa natureza” ...*
- 8. Com os protestos de nossa elevada consideração,*

Diretoria da Associação dos Engenheiros da Petrobrás

Declarações da Ministra Zélia Cardoso de Mello à CPI da Petrobrás

A AEPET transmitiu telex à ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, contestando suas declarações no depoimento à CPI da Petrobrás

A propósito das declarações da Ministra Zélia Cardoso de Mello, em 17.10.90, na Comissão Parlamentar de Inquérito Mista, que avalia a crise da Petrobrás, de que "a Petrobrás omite informações sobre a sua real situação, desobedece diretrizes e paga salários elevados, aos seus empregados", a Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET) esclarece que:

1 — Estranhamos e lamentamos as declarações da Ministra, pois a Petrobrás tem respeitado os princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade e publicidade previstos no Artigo nº 37 da Constituição Federal.

2 — A PETROBRÁS envia de dois em dois meses pelo Programa de Dispendios Globais (PDG) todas as informações sobre a situação econômica financeira da Companhia, conforme determina a lei, ao Ministério da Infra-Estrutura e ao DOU (Departamento de Orçamento da União) subordinado ao Ministério da Economia.

No período de maio a outubro de 1989, o então presidente Carlos Sant'Anna endereçou trinta mensagens aos ministros de Minas e Energia e da Fazenda, acentuando as perdas de receita e dificuldades de caixa. Sugeriu eliminação de subsídios e outras soluções, indo à CPI, Senado e Câmara, para depoimento, seis vezes, num período de apenas três meses.

O atual presidente da Petrobrás, Luís Octavio da Motta Veiga, já fez dois depoimentos à CPI.

3 — A AEPET apresentou depoimento à Comissão de Economia da Câmara dos Deputados em 27.06.89, e, posteriormente, em 13.03.90, à CPI da Petrobrás, com sugestões para solução da crise.

4 — A Petrobrás é uma companhia de economia mista e capital aberto, sujeita à fiscalização do Congresso Nacional e do Poder Executivo, Ministérios da Infra-Estrutura e da Economia, tendo seus demonstrativos contábeis e financeiros analisados por auditores independentes e fiscalizados pela Comissão de Valores Mobiliários. Pela Lei nº 2004, a Petrobrás tem suas contas verificadas pelo Congresso Nacional e Tribunal de Contas da União (TCU).

Durante muitos anos foi submetida ao controle da Secretaria de Controle das Empresas Estatais (SEST).

5 — O Presidente da Petrobrás e todos os seus diretores são nomeados e demissi-

veis pelo Presidente da República.

6 — Seus administradores estão sujeitos aos controles da Lei nº 6404 (Lei das S.A.) e todos os seus orçamentos de investimento e custeio são submetidos ao Congresso Nacional para aprovação. E a estrutura do preço de seus produtos é elaborada, antes pelo antigo Conselho Nacional de Petróleo (CNP), atualmente pelo Departamento Nacional de Combustível (DNC).

7 — A maior prova de competência e produtividade da Petrobrás é ela vender seus produtos e derivados em termos competitivos, se comparados com o de outros países.

Sua capacitação tecnológica e seus resultados são reconhecidos internacionalmente. O Brasil é o décimo nono maior produtor mundial de óleo, tem a décima-segunda reserva de óleo, computada águas profundas, à frente da Exxon e Shell; é o oitavo maior parque refinador. Resultado do trabalho da Petrobrás que teve a competição de companhias estrangeiras em 253 contratos de risco, durante 13 anos, sem que nada descobrissem, exceto uma pequena produção de gás em Merluza, na Bacia de Santos, e que demonstrou ser inviável economicamente, conforme avaliação da AEPET na época (previstos US\$ 180 milhões de investimento pela Pecten/Shell, chegando, atualmente, a mais de US\$ 300 milhões).

Na Bacia de Santos, explorada durante vários anos pela British Petroleum (BP), sob contrato de risco sem resultados positivos, a Petrobrás descobriu reservas superiores a 400 milhões de barris.

8 — Quanto aos salários, a Petrobrás recruta seus técnicos através de concurso aberto em todo território nacional, pagando valores compatíveis com o mercado de uma empresa de seu porte, no mercado nacional, de forma a atingir os padrões de eficiência e produtividade de uma companhia de capital intensivo como é a indústria de petróleo.

O salário médio dos empregados da Petrobrás, ao contrário do que afirmou a Ministra não é de Cr\$ 165.000,00, mas, de Cr\$ 113.000,00, após o reajuste anual de setembro (98,24%) para o pessoal operacional, que abrange mais de 52 mil pessoas, trabalhando em plataformas, refinarias e na região Amazônica, expostos a ambientes insalubres e de alta periculosidade, próprios da indústria de petróleo. O reajuste salarial de setembro seguiu a lei salarial em vigor, aprovada pela Ministra da Economia.

9 — A Ministra procura explicar o inexplicável: como uma empresa pode sobreviver comprando matéria-prima a US\$ 38/barril e recebendo US\$ 16/barril, valor

este que não remunera sequer o petróleo nacional.

PETROBRÁS PAGA

US\$ 38/barril — CIF (mês de outubro)
câmbio — Cr\$ 94,55/US\$ (18.10.90)

PETROBRÁS RECEBE

US\$ 17,76/barril — CIF
câmbio — Cr\$ 85,20/US\$
Então: $17,76 \times 85,20$ sobre $94,55 =$ US\$ 16

PETROBRÁS PERDE POR MÊS

$(38 - 16) \times 650.000 \times 30 =$ US\$ 429 milhões

DEFASAGEM (18.10.90)

$17,76 \times 85,20$ sobre $38 \times 94,55 = 0,42$
— defasagem = $1 - 0,42 = 0,58$ — ou seja 58%.

10 — A Ministra não explicou como um documento firmado pelo Secretário de Tesouro e Secretário da SEST, com confissão de débito para com a Petrobrás, já teve várias parcelas vencidas há dois anos, não tendo ainda sido pagas, apesar da Ministra estar no cargo há 8 meses.

11 — Em busca da transparência da Companhia, da defesa da Petrobrás como patrimônio nacional, a AEPET denunciou ao Congresso Nacional em 07.12.89 a crise financeira da Companhia. Pelos mesmos motivos procurou o TCU no mesmo dia, dando origem ao processo 013.351/89.

Em 14.12.89 o Presidente do TCU, Adhemar Ghisi, denunciava à Nação a "desastrosa política econômica a que vem sendo submetida a Petrobrás em desrespeito às mais elementares regras da atividade mercantil", recomendando aos ministros da Fazenda, dos Transportes, das Minas e Energia e do Comércio providências para liquidação dos débitos das entidades governamentais com a Petrobrás.

No último dia 20 de junho, o Ministro do TCU, Marcos Vinicius Vilaça propôs a realização de uma auditoria na Petrobrás para identificar as causas que geraram a crise financeira na Companhia, acatando as denúncias da AEPET — "Dessa forma entendo como procedente a representação da Associação dos Engenheiros da Petrobrás — AEPET — e, dentro das limitações deste Tribunal proponho que se proceda a uma auditoria operacional na Petrobrás com vistas a aprofundar os aspectos aqui tratados e que se dê conhecimento ao Ministro da Infra-Estrutura do inteiro teor deste voto, com vista a supervisão ministerial, para que tome as providências que o caso requer, bem assim, dele se faça conhecido o Congresso Nacional".

12 — A auditoria realizada pelo TCU está em fase de relatório final, devendo

confirmar as denúncias feitas pela AEPET que motivara o processo no TCU.

Procuramos, na tarde de ontem, o relator da CPI da Petrobrás, Senador José Fogaça, colocando-nos à disposição para apresentar quaisquer outras contribuições à CPI. Informamos, na ocasião, que estaríamos enviando telex ao Presidente da Petrobrás solicitando as informações complementares pedidas pelo senador. É do nosso entendimento que é dever do Poder Legislativo solicitar dados e esclareci-

mentos de forma a exercer seus papéis com competência.

13 — Hoje o País tem duas opções: investe na produção de petróleo no Brasil, gerando empregos, tecnologia, desenvolvimento e independência ou importa, gerando estes empregos lá fora, diminuindo a capacidade de investimentos do País, e ficando sujeito às crises no fornecimento de petróleo.

14 — Por fim, entendemos que o con-

sumidor tem o direito de saber pelo que está pagando e a Ministra Zélia Cardoso de Mello deve explicar à sociedade porque estão sendo dados subsídios à indústria petroquímica de US\$ 1,4 bilhão anuais, mantido o atual quadro de defasagem da nafta.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1990.

Diretoria da AEPET

AEPET em defesa do monopólio de petróleo

A campanha em defesa do monopólio de petróleo já se encontra a pleno vapor. A Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET) vem participando de uma série de frentes em defesa da Petrobrás e do monopólio, principalmente neste momento que vem ocorrendo várias investidas contra as empresas e para o fim do monopólio na revisão da Constituição em 1993.

Numa iniciativa conjunta da diretoria da AEPET e dos seus associados já começam a surgir em vários locais de trabalhos núcleos Pró-Petrobrás. Alguns vêm funcionando com pleno êxito em número de participantes e em

termos do trabalho realizado, como os do Segen-sede, Cenpes e Depex. Paralelamente, já foi criado o primeiro Comitê de Defesa da Petrobrás, no núcleo do Paraná, durante as comemorações dos 37 anos da empresa.

Camisas, rádio e cartazes

O Núcleo da Bahia distribuiu por vários pontos de Salvador cartazes com "A Petrobrás é você. Competência comprovada". A diretoria da AEPET está patrocinando vários spots na rádio Panorama mostrando a importância da Petrobrás e relembando o antigo slogan "o petróleo é nosso".

A AEPET é uma das entidades que também participa do Movimento em Defesa da Economia Nacional, presidido pelo jornalista Barbosa Lima Sobrinho, onde a Petrobrás é um dos principais assuntos. No almoço do Clube de Engenharia e da AEPET a defesa da Petrobrás é o principal tema. Também os sindicatos dos Petroleiros vêm mantendo intenso movimento na campanha pelo monopólio de petróleo.

Camisas, plásticos, cartazes e mais do que nunca a presença ativa do associado na defesa da Petrobrás e do monopólio de petróleo, tão duramente conquistado.

O petróleo é nosso

A Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET) vem patrocinando a apresentação de três vinhetas na rádio Panorama como parte da campanha em defesa do monopólio de petróleo. As vinhetas vão ao ar cinco vezes por dia, em média. Estas são as vinhetas da campanha:

● — "Tem carro, tem gasolina, tem Petrobrás. Sessenta mil empregos diretos. Tem caminhão, tem diesel, tem petróleo. US\$ 15 bilhões de faturamento.

Tem fogão, tem gás, tem Petrobrás. Três milhões de empregos indiretos. Trinta e sete anos de trabalho duro. Brasileiro: O petróleo é nosso" — palmas "Parabéns Petrobrás". Voz: "Uma homenagem da Associação dos Engenheiros da Petrobrás".

● "Águas - Formosinho — Rio de Janeiro — Flor Azul — Minas Gerais — Dourado — Lagoinha — São Paulo — Flores — Laranjeiras — Rio Grande do Sul — Campos Belos — Recife... De alguma forma o trabalho da Petrobrás está em cada um desses lugares. Trinta e sete anos de trabalho duro. Brasileiro: O petróleo é nosso". Palmas. "Parabéns Petrobrás". Voz "Uma homenagem da Associação dos Engenheiros da Petrobrás".

● Tem Petrobrás no posto da esquina. Na mais distante cidadezinha do interior. Na selva Amazônica. Em alto mar. Nas profundezas do oceano. Sessenta mil brasileiros. Trinta e sete anos de trabalho duro. Brasileiro: O petróleo é nosso". Palmas. "Parabéns Petrobrás". Voz: "Uma homenagem da Associação dos Engenheiros da Petrobrás".



A AEPET dá prosseguimento a campanha em defesa do monopólio de petróleo

A AEPET divulga a última entrevista de Motta Veiga publicada no JB de 20 de outubro último

As denúncias do ex-presidente

Demissão

Acabei de ligar para o embaixador Marcos Coimbra (secretário-geral da Presidência da República, cunhado do presidente Fernando Collor) e pedi demissão do cargo de presidente da Petrobrás. Eu estou saindo da Petrobrás porque eu quero. Em francês, a gente não pode demissão, apresenta demissão. "J'ai donné ma démission." Eu entreguei a demissão. Não sei a reação do presidente Collor. Foi eu que liguei para o embaixador e expliquei de antemão que dadas as circunstâncias não me sentia em condições de continuar no governo nem me interessava continuar à frente da Petrobrás. Liguei para ele um minuto antes de entrar nesta sala. Estou pedindo demissão pelos mesmos canais que tentaram dizer que não estavam satisfeitos comigo: pela imprensa.

Motivos

O que motivou meu pedido de demissão foi a irrealidade tarifária praticada pelo governo, a exemplo do que vinha acontecendo em governos anteriores, e também a forma de condução das negociações sobre o assunto. Na quinta-feira da semana passada, numa reunião no Ministério da Fazenda, no Rio, discuti com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, sobre preços, sobre a revisão da estrutura de preços de combustíveis. Isso resultou, nesta quarta-feira, em uma crítica acirrada da ministra à Petrobrás. É uma forma muito simples de tentar conter a inflação, simplesmente congelando os combustíveis. Os combustíveis de fato não têm sido congelados, mas têm tido seus aumentos muito abaixo dos níveis internacionais. Comparados aos de países produtores de petróleo, os aumentos no Brasil não chegam a 10%. Considerando que um dos compromissos do governo era a realidade tarifária e isso não vem sendo praticado — e minha experiência na iniciativa privada é de que somente com preços e eficiência nós podemos aumentar o grau de competitividade da empresa até em nível internacional —, eu acho que eu não sou mais a pessoa talhada para o cargo.

Preços

O argumento de que este não é o momento certo para adotar a realidade tarifária tem sido usado ao longo dos anos nos sucessivos congelamentos de preços, nos sucessivos arrochos salariais, nos sucessivos planos econômicos que sempre davam como fundamental o arrocho de preço, sobretudo na área de combustível, e não resultou em nada. Devemos lembrar que a Petrobrás sofreu um arrocho de preço violento no ano passado e nós chegamos em março com uma inflação de 84%. A questão do preço é a questão básica, mas não foi ela que me fez pedir demissão e sim a forma como está sendo conduzida esta discussão neste momento.

Cortina de fumaça

Acho que a forma como foram conduzidas esta semana as discussões a respeito da nossa própria postura é uma cortina de fumaça para encobrir outros problemas que existem no âmbito do governo, como a própria luta anti-inflação, como problemas pessoais envolvendo integrantes do primeiro escalão do governo. Enfim, isso é uma grande cortina de fumaça para que não se chame a atenção para outros fatos, como por exemplo atos poucos confessáveis em campanhas eleitorais. De uma certa forma, essa discussão em cima da Petrobrás cataliza as atenções do público. Acho que a crise aqui na Petrobrás está muito bem delimitada. Não sei se há uma crise política do governo. Acho que está começando a pipocar uma série de fatores que demonstram uma falta de unidade total do governo.

Carta

Eu hoje acordei presidente da Petrobrás. Ao contrário do que vários jornais noticiaram, eu não mandei carta de demissão nem ontem (quinta-feira) nem hoje (ontem). O que é importante salientar é que a discussão de política tarifária, no meu entender, hoje serve, de certa forma, para esconder uma outra série de problemas que o governo tem. São problemas como a compra da Vasp e outros que atingiram a Petrobrás há pouco tempo.

Vasp

A Vasp fez proposta à Petrobrás para negociar passivos. Quem fez a proposta foi o dono do grupo Canhedo, Wagner Canhedo, trazido aqui por um amigo do presidente, o Paulo César Farias (tesoureiro da campanha do então candidato Fernando Collor). A proposta do grupo era emprestar ao senhor Canhedo pessoalmente US\$ 40 milhões de dólares. Queriam US\$ 30 milhões em combustível e US\$ 10 milhões em dinheiro. Foi justamente por entender que a Petrobrás não é banco que nós não aceitamos. A dívida anterior de US\$ 20 milhões já tinha sido paga pela Vasp. Isso foi durante o mês de setembro. Os problemas da campanha são justamente um pouco ligados aos mesmos personagens da proposta da Vasp. O embaixador Marcos Coimbra chegou a me ligar pedindo que eu achasse uma fórmula para resolver o problema.

Empreiteiras

Eu sempre digo para empreiteiros, desde que entrei aqui, que se der dinheiro para ganhar concorrência vai dar dinheiro de bobo. Nunca ninguém me perguntou se precisava dar dinheiro. Aliás, como dizia o ministro Delfim Netto, quando se pergunta se precisa dar dinheiro é porque o sujeito que vai receber não merecia receber. Sempre digo o seguinte: durante o tempo em que estive aqui eu tenho certeza da lisura dos processos de contratação da Petrobrás e se alguém acredita que pode ter feito alguma coisa para se beneficiar, jogou dinheiro fora.

Publicidade

A indicação para o cargo responsável pela publicidade da Petrobrás foi feita por Leopoldo Collor, irmão do presidente (foi nomeado para chefe da Divisão de Publicidade da Petrobrás Ricardo Dias Martins, cunhado de Leopoldo Collor), mas fizemos o seguinte: existe uma política do governo em relação às contratações de publicidade. Verificar se aquilo que o governo tinha como norma de contratação se adequava aos manuais da Petrobrás. Adequavam-se e nós pudemos atender formalmente, sem macular esses princípios.

Zélia

A reunião da semana passada com a ministra Zélia foi muito boa. Essa reunião prosseguiu na segunda-feira de manhã, em Brasília. A convite da ministra, viajei com um diretor e o gerente-financeiro, para que discutíssemos o assunto e esse assunto foi discutido não só pela ministra Zélia, mas também pelo presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, pelo João Maia e pelo meu pessoal. E, no maior clima de cordialidade, como não poderia deixar de ser, deixamos funcionando uma comissão da qual participavam membros do Ministério da Economia, como o João Maia (secretário de Economia), da própria Petrobrás e do Departamento Nacional de Combustível. Foi para Londres negociar com fornecedores iranianos e, na terça-feira, a ministra, por telefone, me disse que as conversas teriam continuidade. Falei com o ministro Ozires (Ozires Silva, da Infra-Estrutura) e ele teve uma reunião com o presidente Collor e me re-

portou que o assunto de demissão ou da minha saída da Petrobrás não foi sequer comentado. E da ministra Zélia, hoje, também em uma conversa em que ela disse: "Vamos deixar esse negócio de jornal de lado." Ela não pediu para que eu continuasse, mesmo porque eu não disse a ela que ia sair. A frase é essa: "Vamos deixar esse negócio de jornal de lado".

Corporativismo

Uma crítica que tem sido feita à minha administração é a minha agregação ao corporativismo. Acho injusta essa acusação. Tivemos uma atuação impar no que diz respeito ao processo de enxugamento. Nenhuma empresa estatal, do porte da Petrobrás, mesmo aquelas que estão sob o comando da ministra Zélia, demitiu como a Petrobrás demitiu. No começo do governo e até o final do ano devemos chegar a 8.600 funcionários demitidos e aposentados. Essa discussão sobre estrutura de preço é uma barreira muito grande que se quebrou dentro da Petrobrás. Na Petrobrás não se admitia rediscutir a estrutura de preço. Hoje, em função da produção nacional de petróleo, nós achamos que essa estrutura tem que ser revista. Por último, não me parece que em momento algum dessa empresa se discutiu tanto a questão do monopólio como agora. De forma que essa crítica me parece vazia. Eu a imputaria àqueles que tentaram fazer negócios escusos com a Petrobrás e não conseguiram. Acho que acusar agora, ficar falando nomes, não tem muito sentido. O que eu encontrei aqui na Petrobrás foi um *esprit-de-corps* muito grande, que fez a empresa sair da primeira crise de petróleo de uma produção que atendia a menos de 18% das necessidades de consumo nacional, para mais de 55%. Me orgulho muito de ter sido presidente da Petrobrás, repetira a dose e acho que é uma experiência impar para qualquer pessoa deste país.

Informações

Eu diria que a ministra Zélia exagerou ao dizer que a Petrobrás omite informações. Nós somos submetidos a pelo menos 15 controles diferentes de órgãos de administração direta e indireta desse país. Além disso, fazemos questão de informar ao mercado, da forma mais precisa possível, e o Ibmec (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais) pode comprovar isso. Quando a ministra foi convocada pelo Congresso, nós colocamos à disposição dela, por intermédio de um seu assessor que nos ligou, chamado Marcos Tavares, todo o gabinete da presidência da empresa, para que ela tivesse todas as informações necessárias para a palestra no Congresso. Alguns dados foram passados à assessoria da ministra. É importante que se diga que o nosso ministério de tutela é o da Infra-Estrutura. Para se tentar seguir um pouco o formalismo, entregamos tudo ao Ministério da Infra-Estrutura. O ministro Ozires tem afirmado que nós não temos negado informações ao Ministério da Infra-Estrutura. De forma que eu acho que o que a ministra falou foi uma série de chavões. O fato é que existe uma defasagem de preço e que a Petrobrás tem na sua estrutura de preços um preço de petróleo de menos de US\$ 20 e está comprando a mais de US\$ 35. A ministra também errou quando falou que a Petrobrás tem contratos de longo prazo e portanto pratica preços antigos. Não existe contrato de longo prazo. Os contratos de petróleo são no máximo de dois meses e esses preços variam dia a dia, vale o dia do embarque. Isso já foi exaustivamente explicado a vários escalões do Ministério da Economia. Considerando a pouca experiência de alguns desses escalões, eu até desculpo a falta de clareza na análise desses dados. Mas, isso já foi exaustivamente explicado.

'Fritura'

Esse neologismo candango de *fritura* é uma coisa que surgiu com o Sarney e infelizmente está continuando com o governo Collor. O Alexandre Garcia (TV Globo) disse na televisão que eu estava sendo *fritado*, mas na minha visão ninguém me *frita*. Eu estou saindo porque quero. Para que eu seja presidente da Petrobrás é preciso que três pessoas queiram: o presidente da República, o ministro Ozires e eu. Eu não quero mais, e não perguntei a nenhum dos dois se queriam que eu ficasse.

Compra de títulos

A operação de Nova Iorque foi amplamente e previamente discutida com as autoridades econômicas do governo. Tanto com a ministra Zélia como com o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris. A ministra inclusive, na semana que aconteceu a operação, me aconselhou que corresse com a operação para que a notícia não estourasse no dia da negociação da dívida externa, como de fato ocorreu por uma denúncia do próprio banco. O Ibrahim Eris sugeriu que se fizesse a operação correndo. Agora vocês têm que perguntar a ela por que ela negou. Eu não sei por que ela negou conhecer a operação.

Caixa na Petrobrás

Hoje a caixa da Petrobrás tem um déficit de US\$ 1,2 bilhão. Essas operações reduziram o déficit a curto prazo. Isso está morto há menos de um mês. Quando eu peguei a empresa o déficit de caixa era da ordem de US\$ 1,8 bilhão.

Economistas

Eu tenho uma importante correção a fazer em sua pergunta (após pergunta de um repórter). Não me chame... não me xinga de economista não. Eu sou advogado.

Europa

Passagem para a Europa eu só conto para mim, para mais ninguém (desmentindo que tenha pago as passagens para que Zélia Cardoso de Mello fosse a Europa encontrar-se com Collor antes da posse).

Governo

A proposta inicial do governo me interessava, baseada na realidade tarifária. Não foi a ministra Zélia que me convidou para o cargo, quem me convidou foi o ministro Ozires. Acho que a equipe hoje não está uma como o presidente esperava que fosse, mas é normal em um processo de acomodação do governo até que ele se estabeleça de forma mais ajustada. Acho que quando um chefe não está satisfeito com um subordinado ele deve falar com seu subordinado. Eu não tive nenhuma notícia de que o presidente não estava satisfeito comigo. Pelo contrário, o ministro Ozires disse hoje (ontem) que não teria havido conversa sobre minha possível demissão. Absolutamente, não saio magoado. Para quem vive de cargo público deve ser muito complicado sair de um cargo como esse. Eu não me sinto *fritado* porque não sou ovo estalado. Quem quer ficar no governo é que acaba sendo *fritado*. São aqueles que querem ficar nos cargos e vivem sussurrando pelo governo, pessoas que não eram nada antes de chegar lá.

Cláudio Humberto

Não acredito que o Cláudio Humberto (porta-voz da Presidência) tenha trabalhado contra mim, até porque ele não é de trabalhar, ele é do tipo *co* fazer *fritica*, de lançar dúvidas, de colocar pessoas em situações embaraçosas. Não foi à toa que o ministro Cabral (Bernardo Cabral, ex-ministro de Justiça), ao sair disse a ele que ele não valia nada.